



Domínios da Imagem

**INSTANTES CONFINADOS: UMA ANÁLISE SOBRE A
FOTOGRAFIA COMO TESTEMUNHO VISUAL DA COVID-19**

***CONFINED MOMENTS: AN ANALYSIS OF PHOTOGRAPHY AS A VISUAL
TESTIMONY OF COVID-19***

Adriel Henrique Francisco Cassini¹

Fluxo Contínuo

Dezembro de 2024

Vol.18

DOI: 10.5433/2237-9126.2024.v18.49478

Submissão:

25/11/2023

Aceite:

01/04/2024



Resumo: A pandemia de Covid-19 em 2020 desencadeou uma crise de saúde e iniciou uma era de transformações sociais. A fotografia surgiu como uma ferramenta para documentar os impactos dessa crise, capturando momentos que se tornaram registros históricos. As imagens incorporam a visão dos fotógrafos, contribuindo para a memória coletiva dos eventos. Isso é visível nas fotografias que contam a história da pandemia. Analisamos cinco imagens da *Medicins Sans Frontieres* em diferentes países, à luz dos conceitos de Kossoy (2012) e Joly (2007), que discutem a natureza e a linguagem da fotografia. A aplicação da análise nos níveis pré-iconográfico, iconográfico e iconológico, conforme a metodologia de Panofsky (1989), revela significados mais profundos, oferecendo insights sobre as mensagens nessas fotografias. Essa pesquisa destaca a importância dessas imagens e sua capacidade de contar a história de um período desafiador.

Palavras-Chave: Comunicação; Covid-19; Fotografia; Fotografia Documental; Memória Visual

Abstract: *The Covid-19 pandemic in 2020 triggered a health crisis and initiated an era of social transformations. Photography emerged as a tool to document the impacts of this crisis, capturing moments that became historical records. The images incorporate the vision of the photographers, contributing to the collective memory of the events. This is visible in the photographs that tell the story of the pandemic. We analyze five images from Medicins Sans Frontieres in different countries, in light of the concepts of Kossoy (2012) and Joly (2007), which discuss the nature and language of photography. The application of analysis at the pre-iconographic, iconographic, and iconological levels, according to the methodology of Panofsky (1989), reveals deeper meanings, offering insights into the messages in these photographs. This research highlights the importance of these images and their ability to tell the story of a challenging period.*

Keywords: Communication; Covid-19; Photography; Documentary Photography; Visual Memory

INTRODUÇÃO

A Covid-19 assolou a comunidade internacional desde seu surgimento em 2020, gerando uma crise de saúde global e sem precedentes desde a gripe espanhola no século XX. O vírus se espalhou agilmente pelo globo e impôs desafios e problemáticas à sociedade, sendo necessária a imposição de normas sanitárias como o distanciamento social. “Passados três anos desde o primeiro caso de Covid-19 registrado no país, o Brasil alcançou outro triste marco nesta terça-feira (28): 700 mil mortes causadas pela doença.” (OLIVEIRA, 2023, *On-line*). No dia 26 de fevereiro de 2020, o Brasil registrou o início da pandemia com a detecção do SARS-Cov-2, vírus causador da doença, em um teste realizado em um homem de 61 anos que havia viajado para a Itália e retornado a São Paulo.

¹ Especialista em História da Arte pelo Centro Universitário Estácio de Santa Catarina. Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (Faac/Unesp). E-mail: adriel.cassini@unesp.br <https://orcid.org/0009-0000-9381-4641>



Durante as semanas seguintes ao primeiro caso, a propagação do vírus se intensificou em várias regiões e no dia 11 de março de 2020 foi declarada que ocorria uma pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que passou a recomendar a prática do distanciamento social com o objetivo de reduzir a taxa de infecções pelo vírus.

A pandemia gerou uma série de fatores socio-históricos que se tornaram dignos de registro e conservação. As experiências vividas pela população durante esse período, agora são consideradas parte da história, e foram imortalizadas na memória do Brasil através de notícias, dados e imagens que retratam o momento mais crítico da Covid-19 no país.

A fotografia, como documento histórico, é fundamental para o registro documental, pois sua natureza icônica pode oferecer um vasto repositório de informações visuais que auxiliam na compreensão dos aspectos do passado (KOSSOY, 2012). Com a imagem fotográfica sendo tida como um documento, torna-se essencial entender o papel desempenhado pelo fotojornalismo na criação dessas imagens. Em mesmo sentido e demonstrando a amplitude do uso da imagem na sociedade, o fotojornalismo permitiu a criação de muitas reportagens ilustradas, e graças ao seu poder de sintetizar informações complexas em uma única imagem, foi capaz de influenciar e, muitas vezes, mudar a opinião pública. Isso ressalta o poder das imagens em comunicar efetivamente eventos e questões, moldando a percepção e o entendimento do público sobre eles. (TESSARI, 2012).

As imagens capturadas durante a pandemia, bem como as de outras épocas, são ou se tornarão vestígios do passado. Isso ocorre porque cada foto simboliza uma pausa e um congelamento do tempo, ou seja, a cena real escolhida permanecerá parada e imortalizada (KOSSOY, 2012). Cada imagem capturada carrega consigo uma narrativa, portanto, as fotos antigas expressam, por meio de seus elementos e do que está presente no registro visual, a caracterização da fonte histórica. “Independentemente do tema retratado na foto, ela também documentará a perspectiva do fotógrafo. A fotografia é, portanto, um testemunho duplo” (KOSSOY, 2012, p.52).

Diante exposto, este trabalho tem como objetivo investigar a relevância do registro visual da Covid-19 no Brasil, destacando o papel fundamental da fotografia como prova da pandemia. Assim, será examinado como as fotos captam e documentam momentos importantes, tornando-se testemunhos visuais de momentos e contextos históricos, como a Covid-19, auxiliando na documentação histórica do período e na conscientização. A fotografia expressa uma função de conhecimento devido à sua interpretação específica pelos receptores, “O que implica que a comunicação por meio da imagem (mais do que pela linguagem) inevitavelmente estimulará no espectador um tipo de expectativa específico e diferente daquele que uma mensagem verbal estimula.” (JOLY, 2007, p. 68).

Com base nisso, o artigo é organizado da seguinte maneira: na próxima seção, debateremos a fotografia como evidência, explorando como as imagens podem retratar a realidade da Covid-19 de maneira impactante e sua relevância como prova documental para a preservação da memória e da história na sociedade, de modo que ultrapasse a definição de objeto artístico e também se torne um objeto documental. Em seguida, será discutida a função documental das fotografias, apresentando exemplos de imagens marcantes que documentam a crise da Covid-19 no Brasil. Por fim, será analisado o poder da memória visual e como as fotografias



podem influenciar a memória coletiva dos eventos, pois, segundo Kossoy (2012, p. 165-166), “Qualquer fotografia, além de ser um vestígio do passado, é também um testemunho visual”.

Para tal, as análises serão concentradas nas fotografias produzidas pela renomada organização Médicos Sem Fronteiras (MSF) no ano de 2020. Estas imagens foram selecionadas por serem consideradas as mais emblemáticas, capturando a essência da pandemia através do olhar perspicaz dos profissionais de saúde. Tais fotografias ilustram vividamente a face da pandemia em cinco países distintos: Brasil, Espanha, Líbano, Suíça e Grécia, cada um com suas próprias experiências e desafios únicos.

Ao aplicar os conceitos propostos por Kossoy (2012), realizaremos uma análise descritiva e interpretativa, identificando os principais elementos da linguagem fotográfica conforme descrito por Joly (2007). Isso nos permitirá destacar a característica documental da fotografia, não apenas como uma forma de arte, mas como uma ferramenta poderosa para a preservação da memória histórica e visual. Por fim, recorrendo aos conceitos formulados por Panofsky (1979), que fornecem um quadro para a compreensão e interpretação das fotografias. Através de três níveis de descrição — pré-iconográfico, iconográfico e iconológico — poderemos desvendar as camadas de significado contidas em cada imagem, permitindo-nos apreciar plenamente seu valor enquanto recurso documental.

Dessa forma, espera-se elucidar questões sobre o poder da fotografia para capturar momentos significativos na história, e como essas imagens podem influenciar nossa memória coletiva e percepção dos eventos. Através desta análise, será possível contribuir para uma maior compreensão do impacto da Covid-19 e do papel crucial que a fotografia desempenhou na documentação desta crise global sem precedentes.

IMAGENS QUE FALAM: UMA EVIDÊNCIA VISUAL

A fotografia, como um meio de expressão visual, possui a capacidade única de atuar como um registro autêntico dos acontecimentos que se desenrolam ao nosso redor. Cada imagem é meticulosamente criada com um propósito definido, ou seja, é impulsionada pelo que é digno de ser fotografado, capturando assim o que era visível na cena específica. Esta captura não é apenas um reflexo do mundo externo, mas também uma interpretação do fotógrafo, uma visão subjetiva do mundo. Toda fotografia, de alguma maneira, refletirá a obra do fotógrafo, a sua visão e interpretação do mundo. Mas, além disso, cada fotografia também representa a formação de um registro, um testemunho e evidência do tempo e do espaço.

Kossoy (2012) sustenta que a imagem fotográfica sempre oferece dados sobre o objeto ou cena capturada. Isso significa que cada fotografia é uma fonte de informação, um registro visual que nos fornece detalhes sobre o objeto ou cena que foi fotografada. Cada registro fotográfico é parte constituinte de uma história, tornando o registro visual um princípio da memória. Assim, Ciavatta (2002, p. 32) entende que “A imagem fotográfica atuaria como ponto de partida da memória sintetizando o sentimento de pertencimento à família, a um grupo, a um determinado passado”. A natureza da fotografia, enquanto recurso documental, induz a análise de sua



condição inevitável: a construção e preservação história destinada à perpetuação de alguma memória ou do ponto de vista do grupo que a produziu ou se apropriou dela. Dessa forma, apesar do caráter informativo, ela sempre é, ao mesmo tempo, uma recriação/representação da realidade (CIAVATTA, 2002).

Em razão disso, a fotografia assume um papel documental significativo. Ela não pode ser tida apenas como uma forma de arte, mas também um meio de preservação histórica e da memória, assim, “a fotografia, na condição de artefato visual do passado, é um objeto do presente que representa o que existiu, uma espécie de testemunho sobre o que aconteceu, que se reproduz na imagem fotográfica” (SILVA, 2020, p. 25-26). Através das fotografias, os seres humanos são capazes de olhar para trás no tempo, revisitar os momentos passados e entender melhor a nossa história e a nós mesmos. Com isso desempenha um papel crucial na nossa sociedade e, ao fazer isso, ela nos ajuda a entender melhor o mundo ao nosso redor e a nós mesmos.

Se um fotógrafo desejou ou foi incumbido de retratar determinado personagem, documentar o andamento das obras de implantação de uma estrada de ferro, ou os diferentes aspectos de uma cidade ou qualquer um dos infinitos assuntos que por uma razão ou outra demandaram sua atuação, esses registros - que foram produzidos com uma finalidade documental. (KOSSOY, 2012, p. 50).

No cenário da pandemia da COVID-19, as imagens capturadas pela câmera surgiram como um recurso indispensável para ilustrar a realidade da crise e comunicar seu nível de seriedade. Elas desafiaram as narrativas que negam ou subestimam a crise de saúde propagada por personalidades políticas no Brasil. As imagens não apenas capturaram a realidade crua da pandemia, mas também serviram como um meio de conscientização pública, destacando a necessidade de medidas preventivas e a importância da vacinação.

Além disso, essas imagens desempenharam um papel crucial na resistência a essas narrativas negacionistas. Elas se estabeleceram como evidências visuais da crise de saúde, influenciando aqueles que as veem a entender a seriedade da situação. Isso é evidenciado por Vilém Flusser (2009, p. 58), que afirma: “Eles percebem nela forças ocultas inefáveis, vivenciam diretamente o impacto dessas formas e agem de maneira ritualística para apaziguar tais forças”. Essas imagens também serviram como um lembrete constante da realidade da pandemia, mantendo a crise na vanguarda da consciência pública. Elas ajudaram a moldar a percepção pública da pandemia, garantindo que a gravidade da situação não fosse esquecida ou minimizada.

As imagens fotográficas servem como um registro tangível do cotidiano durante a pandemia, mas vão além disso, encapsulando as experiências, desafios e emoções humanas que permeiam esse período. Elas capturam a essência da humanidade em meio a uma crise global, refletindo a resiliência, a dor, a esperança e a solidariedade que emergem em tempos de adversidade.

A fotografia, neste contexto, não é apenas um meio de documentação, mas também uma forma de expressão emocional. Ela possui uma qualidade intrínseca que apela aos sentimentos,



capaz de evocar uma gama de emoções e reações no observador. Cada imagem tem o poder de trazer à tona um momento específico no tempo, revivendo memórias e experiências passadas. A interpretação e a recepção de uma imagem fotográfica são profundamente pessoais e subjetivas, influenciadas pela experiência prévia e pelo contexto do observador. Como Bergson (1990, p. 22) observou, “[...] não existe percepção desprovida de memórias. Às informações imediatas e presentes de nossos sentidos, adicionamos inúmeros detalhes de nossa experiência anterior”. Isso sugere que cada indivíduo traz consigo um conjunto único de experiências e memórias que moldam a maneira como percebem e interpretam o mundo ao seu redor, incluindo as imagens fotográficas.

Assim, a fotografia, particularmente no cenário de uma pandemia, atua como um elo entre o singular e o coletivo, o pessoal e o histórico, o palpável e o impalpável, oferecendo uma perspectiva diversificada da vivência humana. O testemunho visual proporcionado pela fotografia durante a pandemia carrega consigo a memória dos milhares de vidas perdidas no Brasil ao longo de três anos, conferindo um apelo emocional ainda mais forte às imagens produzidas nesse período. Nesse sentido, “Pode-se deduzir que há um elemento de sublime na tragédia, especialmente quando é retratada visualmente e contém um conteúdo emocionalmente carregado, como a dor e a morte.” (FRANZON, 2020, p. 87).

Por meio do idioma visual das fotos, os sentimentos podem ser expressos de forma imediata e profunda. As representações visuais marcantes de indivíduos atingidos pela Covid-19 e as narrativas registradas pelos fotógrafos se transformam em potentes estímulos emocionais que nos ligam diretamente ao problema. Esse vínculo emocional intensifica a percepção pública e impulsiona iniciativas pessoais e grupais para combater a pandemia.

Figura 1 – Hospital em Rio Moju, Estado do Pará



Fonte: Guimarães (2021)

Os momentos vivenciados e documentados durante a pandemia, como o dia a dia dos trabalhadores da saúde, destacam a seriedade da crise de saúde. Essas experiências os transformam em observadores da situação. A partir da cena ilustrada (figura 1), é possível ver uma profissional da saúde usando roupas de proteção e agachada no chão, enquanto observa um paciente em sua cama. Tais momentos durante a pandemia se tornaram habituais devido à longa jornada de trabalho imposta aos profissionais da saúde.

É perceptível que a imagem capturada (figura 1) fornece dados visuais sobre o mundo e o contexto experimentado naquele momento. Assim, a fotografia cumpre seu papel de testemunha e, ao mesmo tempo, atende ao seu modo estético que provoca sensações (*aisthesis*) específicas nos receptores (AUMONT, 1993). Fotografias emblemáticas, como a imagem de um profissional de saúde cansado, vestido com equipamento de proteção individual, ou a visão de corpos sendo sepultados em covas coletivas, se tornaram ícones poderosos da pandemia. Essas imagens despertaram uma consciência mundial sobre a urgência da situação, estimularam discussões e ações, e ajudaram a moldar a narrativa coletiva da Covid-19.

FOTOGRAFIA-DOCUMENTO E SUAS FUNCIONALIDADES

A pandemia da Covid-19 foi uma das crises de saúde mais significativas e influentes da história recente, deixando marcas perceptíveis e duradouras em todo o planeta. Nesse cenário, as fotografias assumem um papel crucial como observadores visuais dos acontecimentos e do progresso da pandemia. Essas imagens não apenas registram instantes únicos, mas também se transformam em fortes evidências visuais da realidade experimentada durante esse período. Segundo Flusser (2009, p.61), “a fotografia nos envolve”, e assim, documenta o que o fotógrafo vê. De acordo com Pierre Bourdieu (1965, p. 109, nossa tradução), a fotografia se torna “um registro extremamente realista e objetivo do mundo visível, é porque desde sua origem, foram atribuídos a ela usos sociais considerados realistas e objetivos”, portanto, pode se tornar um documento capaz de resgatar a história por meio de evidências visuais.

A fotografia é frequentemente associada à função de documento, dessa forma, destaca que a própria imagem fotográfica serve para atestar uma realidade e assim recordar a existência dessa mesma realidade retratada pelas lentes (BASTOS, 2014). Essas imagens, muitas vezes captadas por fotojornalistas valentes, se tornaram registros visuais simbólicos da situação no país. Elas expõem a batalha dos profissionais de saúde, o sofrimento das famílias afetadas e a realidade nos hospitais sobrecarregados. Ao analisarmos essas fotografias, somos levados ao epicentro da crise, recordando sua intensidade e urgência.

Uma imagem carrega em sua estrutura um amplo leque de informações sobre um passado específico, condensando e registrando em documento um pedaço do real visível, destacando-o do fluxo contínuo da vida (KOSSOY, 2012). “Uma foto é equivalente a uma evidência irrefutável de que algo ocorreu. A foto pode distorcer; mas sempre há a suposição de que algo existe, ou existiu, e era parecido com o que está na imagem” (SONTAG, 2004). A imagem fotográfica, ao ser decifrada, se revela como uma porta para o passado, proporcionando uma experiência



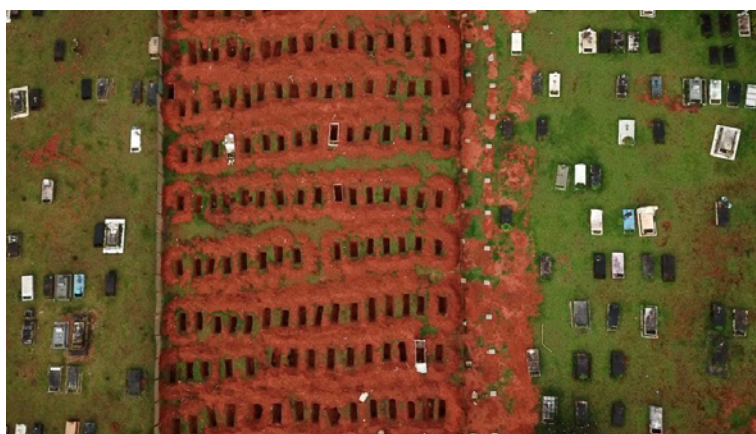
envolvente que vai além da simples representação visual. Cada elemento presente na fotografia, desde as cores intensas até os contrastes delicados, carrega consigo não apenas informações objetivas, mas também uma vasta gama de subjetividades e contextos. Essa complexidade é realçada pela escolha do momento capturado, congelando não apenas o objeto, mas também a atmosfera, as emoções e até mesmo os ruídos silenciosos do instante.

A fotografia, portanto, assume o papel de uma linguagem visual que comunica além das palavras. Ela é capaz de evocar lembranças e emoções, proporcionando uma conexão única entre o passado e o presente. Ao revisitar uma imagem, somos transportados para o momento exato em que a cena foi eternizada, revivendo nuances e detalhes que poderiam ter se desvanecido com o tempo. A intersecção entre o artístico e o documental na fotografia também merece ser ressaltada. Enquanto a captura de momentos específicos preserva a autenticidade do registro, as escolhas estéticas do fotógrafo adicionam uma camada de interpretação pessoal à narrativa visual. A composição meticulosa, a manipulação da luz e a seleção do enquadramento se tornam ferramentas poderosas para orientar a percepção do espectador e influenciar a maneira como a história contida na imagem é percebida.

Dessa forma, a fotografia não é apenas um instrumento para documentar momentos históricos, mas também um veículo poderoso de expressão artística que ultrapassa as barreiras do tempo e do espaço. Ela se configura como uma observadora silenciosa, mas extremamente expressiva, da nossa trajetória coletiva e individual, capturando a essência dos momentos e preservando-os para a posteridade. A fotografia instiga a investigar não só o que é imediatamente aparente, mas também o que está oculto nas sombras e entre as linhas. Ela nos convida a mergulhar mais fundo, a questionar nossas percepções e a buscar a verdade que se esconde além da superfície.

A partir disso, a fotografia tem o poder de evocar emoções, provocar pensamentos e inspirar ações. Cada imagem conta uma história, cada quadro é uma janela para um mundo diferente. Deste modo, a arte fotográfica mantém sua importância vital na conservação e compreensão da diversidade da vivência humana. Ela é um testemunho da nossa existência, um registro da nossa passagem pelo tempo.

Figura 2 – Covas brasilienses no cemitério de Taquatinga



Fonte: Lima (2021)

Para além de capturar a magnitude global da pandemia, as imagens fotográficas registram a multiplicidade de experiências enfrentadas durante a crise. Elas expõem as disparidades sociais e econômicas, ressaltam os efeitos particulares em comunidades vulneráveis e ilustram instantes de resistência e união. Tais imagens, como a fotografia de várias sepulturas abertas em Brasília (figura 2), auxiliam a narrar e documentar histórias mais abrangentes e a transmitir a complexidade da pandemia. “As imagens são um meio de reafirmação da individualidade frente ao desaparecimento, à decomposição e ao esquecimento” (SOARES, 2007, p. 40).

A menção de Soares à reafirmação individual do desaparecimento e do esquecimento, remonta a característica da imagem: a memória. Esta, por sua vez, é um ato de imaginar o que foi vívido, sentido ou testemunhado. A fotografia por sua vez se torna vivência é evidente que, concomitantemente, fotografia e memória são frutos de uma intencionalidade subjetiva, revelando-se nos processos do imaginário do indivíduo (SILVA, 2020). Assim, as imagens reiteram os recortes temporais que elas retratam, prevenindo que momentos históricos sejam esquecidos, reafirmando, portanto, a fotografia como um ícone documental que preserva os momentos na memória visual do indivíduo.

A MAGNITUDE DO REGISTRO VISUAL

A capacidade visual de recordar possui uma força incrível para nos levar de volta no tempo e estabelecer uma conexão emocional com instantes marcantes. As fotografias possuem a habilidade de trazer à tona memórias vívidas e provocar sentimentos intensos. Elas se transformam em meios para conservar e propagar a história, possibilitando-nos reexperimentar acontecimentos antigos e formar uma percepção mais ampla do mundo que nos cerca. Sob essa ótica apresentada, Kossoy (2012, p. 111) propõe o seguinte questionamento: “Há melhor prática para resgatar o passado do que a contemplação solitária de nossas próprias fotos?”.

Figura 3 – Solitude Papal na Praça São Pedro



Fonte: Tornielli (2020)

Ao nos depararmos com uma imagem fotográfica, somos frequentemente levados de volta ao instante em que ela foi registrada. As fotos funcionam como estímulos para a memória, desencadeando sentimentos e reativando recordações ligadas a eventos particulares. Pormenores que poderiam ter sido esquecidos vêm à tona à medida que analisamos a foto, revelando a abundância das vivências passadas e nos possibilitando revivê-las de maneira vívida, como a emblemática imagem do Papa Francisco (figura 3) orando solitariamente na Praça São Pedro, próximo à Semana Santa Católica, em virtude das regras de distanciamento.

As imagens produzidas nesse período são capazes de demonstrar a força da memória visual que a foto carrega consigo. É indiscutível que, ao mencionar um Papa orando sozinho em praça pública, a memória visual resgatará a imagem de Francisco durante a pandemia. Assim, “Uma única foto contém em si um catálogo de informações sobre um determinado momento passado; ela sintetiza no documento um fragmento do real visível, destacando-o do fluxo contínuo da vida” (KOSSOY, 2012, p.113). As fotos são arquivos visuais de momentos significativos e preciosos.

Elas registram não apenas o que foi observado, mas também os sentimentos, as ligações e as histórias por trás desses instantes. Ao preservar adequadamente essas imagens, estamos assegurando que a memória coletiva e individual seja mantida para as futuras gerações. Os arquivos fotográficos são tesouros que nos permitem mergulhar na riqueza de nossa história e entender como ela moldou nossa identidade e sociedade.

Complementando, a fotografia é uma forma de linguagem que transcende as barreiras culturais e linguísticas. Ela permite que as pessoas se comuniquem e compartilhem experiências, independentemente de sua origem ou idioma. “As fotografias podem e não podem dizer mentiras. Elas são capazes de revelar certos aspectos da verdade, mas também são capazes de ocultar outros” (SONTAG, 2004, p. 55). Portanto, enquanto as fotografias podem nos transportar de volta no tempo e nos permitir reviver momentos passados, elas também podem nos enganar, apresentando uma versão da realidade que pode não ser totalmente precisa ou completa. É por isso que é importante abordar a fotografia com um olhar crítico, reconhecendo tanto seu poder de revelar quanto de ocultar a verdade.

Fotografia é memória enquanto registro da aparência dos cenários, personagens, objetos, fatos documentando vivos ou mortos, é sempre memória daquele preciso tema, num dado instante de sua existência/ocorrência. É o assunto ilusoriamente retirado de seu contexto espacial e temporal, codificado em forma de imagem. Vestígios de um passado, admiráveis realidades em suspensão, caracterizadas por tempos muito bem demarcados: o de sua gênese e o de sua duração. (KOSSOY, 2007, p.131).

A fotografia, portanto, proporciona um registro do que o fotógrafo observa, do que ele experimentou no momento em que fez a foto. A imagem se apresenta como a conservação da memória visual daquele que contemplou a cena. Assim, não importa o que foi registrado pelas lentes da câmera, pois, desde sua origem, a fotografia tem servido para conservar, elucidar e perpetuar os principais aspectos da história por meio da memória que desperta em seus observadores. A perpetuação da memória é, de maneira abrangente, o elemento comum presente nas imagens fotográficas (KOSSOY, 2007).



IMAGENS QUE FALAM: A ANÁLISE FOTOGRÁFICA

A partir do exposto, é possível entender que a fotografia desempenha um papel documental histórico na sociedade, perpetuando a memória através de elementos visuais e da linguagem fotográfica. Assim, as imagens capturadas durante o período pandêmico retratam com detalhes, precisão e emoção o período vivenciado pela sociedade global devido à Covid-19. Para entender a fotografia como um recurso artístico/documental da pandemia, analisaremos as fotografias de atendimento produzidas pela organização Médicos Sem Fronteiras (2020), a fim de identificar as características artísticas e documentais das imagens em questão.

O conjunto de análise é composto por 5 fotografias tiradas em 2020 e consideradas impactantes pelo MSF, mostrando cenas da Covid-19 no Brasil, Espanha, Líbano, Suíça e Grécia. A partir desta seleção, as imagens serão analisadas através de uma análise descritiva da composição fotográfica e interpretativa dos sentidos estéticos presentes nela, abordando a relação texto-imagem e a produção de significados que surge dessa associação, interpretando essa relação. A escolha das imagens parte de *corpus* pré-selecionado pelos próprios Médicos Sem Fronteiras (2020), a partir de matéria jornalística publicada em seu site. As fotografias e matéria foram veiculadas em junho de 2020 para registrar o trabalho dos profissionais de saúde e conscientizar da gravidade da doença. É válido ressaltar que o fotógrafo responsável pela captura das imagens não foi informado pela instituição, assim, neste artigo as fotografias terão a própria instituição como autora.

Portanto, as fotografias serão interpretadas através dos níveis de descrição estabelecidos por Panofsky (1979). O primeiro nível de descrição é o pré-iconográfico, que descreverá os objetos e ações representados na fotografia; o segundo nível é o iconográfico, que descreve e permite classificar as imagens definindo os assuntos primários e secundários da composição fotográfica; e finalmente, o nível iconológico, onde se permite a interpretação da fotografia e de seu conteúdo.

O REGISTRO BRASILEIRO

É amplamente reconhecido que o Brasil foi um dos países mais prejudicados pela crise de saúde, acumulando 700 mil óbitos até 2023, conforme dados do Ministério da Saúde (2023). Em várias regiões do país, os sistemas de saúde tiveram dificuldades para gerenciar o alto número de casos severos. Os hospitais estavam superlotados e houve relatos de escassez de leitos, equipamentos médicos e suprimentos vitais. Esta situação alarmante levou à intervenção da organização Médicos Sem Fronteiras (MSF), que se esforçou para fornecer assistência médica onde era mais necessária, na tentativa de aliviar a pressão sobre o já sobrecarregado sistema de saúde brasileiro.

Para realizar a análise das peças, é necessário compreender qual o entendimento do que é a por “fotografia documental”. Segundo Lombardi (2008), a fotografia documental se refere à peça imagética que visa contar uma história, atuando como intermediária entre o indivíduo e seu ambiente, perpetuando eventos e registros através da memória visual. Nesse contexto, as fotografias



documentais produzidas durante a pandemia não são apenas registros visuais, mas também narrativas poderosas que capturam a realidade crua e muitas vezes dolorosa da crise de saúde. Elas servem como um lembrete tangível do impacto devastador da pandemia e da resiliência humana diante de adversidades sem precedentes. Portanto, a análise dessas fotografias não é apenas uma exploração artística, mas também um exercício de compreensão histórica e social.

Figura 4 - Brasil



Fonte: *Medicins Sans Frontieres* (2020)

A partir da cena (imagem 4), podemos identificar no nível **pré-iconográfico**, duas figuras femininas e um gesto (indicativo de medição de oxigênio), sendo uma delas uma médica e a outra uma paciente. Ao descrever no **nível iconográfico**, podemos reconhecer que a fotografia representa um atendimento médico. Finalmente, o **nível iconológico** permite interpretações da fotografia, pois, ao nos confrontarmos com a fotografia feita no Brasil durante a pandemia, ilustrada na (imagem 4), podemos observar uma cena rotineira no dia a dia dos profissionais de saúde, como a medição da oxigenação do sangue do paciente.

No entanto, é possível notar aspectos que se tornaram comuns apenas após o surgimento da Covid-19. A profissional na imagem está usando roupas de proteção, luvas, máscara e viseiras, cuidados necessários para evitar a contaminação pelo vírus. Ao contemplar a cena presente na (imagem 4), é possível estabelecer e observar características da fotografia como documento, pois, ao retratar a cena do atendimento médico durante a pandemia, documenta-se e registra-se as situações vivenciadas durante a pandemia. Assim, “A fotografia [...] captura um momento, um instante do passado, do presente de nossas vidas, constituindo a construção da história, da cultura, da educação de uma sociedade” (BOCCATO; FUJITA, 2006, p. 85).

A fotografia documental pode ser pensada como um conjunto de imagens que forma uma narrativa cujos traços indiciais se deslocam de acordo com o olhar de cada fotógrafo. Desse modo, qualquer objeto ou situação pode ser representado esteticamente de acordo com a ênfase pretendida pelo fotógrafo. (LOMBARDI, 2006, p. 43).

É perceptível na fotografia que a cena carrega consigo a dramatização do momento capturado. Concordando com as ideias de Lombardi (2006), a imagem de qualquer objeto ou situação documentada por ela, pode ser estilizada ou dramatizada de acordo com o foco desejado pelo fotógrafo (KOSSOY, 2012). Assim, a fotografia não se refere apenas a um recurso visual artístico produzido pelo fotógrafo, mas também surge com a característica de documentar o momento através da dramaticidade da cena retratada por ele, como a presente na figura 4 e nas demais fotografias que serão descritas. A fotografia é mais do que apenas arte, é uma maneira de ver, pois, não olhamos apenas diretamente para ela, mas também pelos sentidos e cenas feitas e demonstradas pela fotografia (ROUILLÉ, 2005). A partir da descrição das imagens, é possível afirmar que “uma das funções da análise da imagem pode ser a busca ou a verificação das causas do bom funcionamento, ou pelo contrário, do mau funcionamento da mensagem visual” (JOLY, 1994, p.53). Dessa forma, a fotografia testemunha de forma irrefutável a experiência da sociedade durante a Covid-19, atribuindo ao registro o peso do real que se dirige ao referente, isto é, que perpetua, registra e transforma a arte fotográfica em memória visual documental (DUBOIS, 1998).

PANDEMIA E SENTIMENTO NO REGISTRO ESPANHOL

No auge da pandemia, entidades como a **Médicos Sem Fronteiras (MSF)** tiveram uma atuação fundamental ao prestar auxílio em iniciativas de saúde, com foco em hospitais e asilos na Espanha. O efeito arrasador da Covid-19 modificou drasticamente a rotina e impactou de maneira intensa a população espanhola. Segundo Hidalgo (2021), a crise alcançou dimensões esmagadoras, culminando no triste recorde de um número inédito de mortes na Espanha em um intervalo de um ano, conforme os dados oficiais do Instituto Nacional de Estatística Espanhol.

Frente a esses eventos marcantes, a fotografia surge como um instrumento potente de representação do período experienciado. As imagens obtidas durante esse instante crítico se tornam testemunhos visuais da resiliência, da dor e dos esforços heroicos realizados pela sociedade e pelos profissionais de saúde. Elas vão além de simples representações visuais, convertendo-se em documentos visuais que narram a história de um tempo desafiador. O valor da fotografia nesse cenário ultrapassa sua função convencional de capturar eventos; ela se estabelece como uma ferramenta indispensável para a conservação da memória coletiva. Ao encapsular sentimentos, atitudes de solidariedade e obstáculos superados, as fotografias não somente registram o presente, mas também influenciam a narrativa histórica, permitindo que as futuras gerações entendam e aprendam com as vivências durante esse período crítico da pandemia.

Dessa forma, a fotografia não somente documenta a realidade, mas também proporciona uma janela para a compreensão mais aprofundada e empática da complexidade humana diante de desafios excepcionais, ressaltando sua relevância como um meio que vai além do visual para preservar e comunicar a essência de momentos históricos marcantes.



Figura 5 – Espanha



Fonte: *Medicins Sans Frontieres* (2020)

Em oposição à primeira imagem capturada no Brasil (figura 4), que simboliza a preservação da vida, a segunda imagem da série documental do MSF (2020) apresenta a representação da morte em sua composição. Observando a figura 5, é possível identificar elementos, ações e até as emoções evocadas ao contemplar a peça emblemática, conforme esclarece Aumont (1993) sobre a *aisthesis* fotográfica. A cena registrada, em um **nível pré-iconográfico**, mostra um homem idoso de pé, numa postura que sugere que ele possa estar chorando do lado de fora de um quarto, enquanto dentro dele, vemos uma pessoa vestida com equipamentos de proteção e um corpo envolto em plásticos no chão.

No **nível iconográfico**, a fotografia pode simbolizar duas ações: para o homem idoso, um momento de luto devido ao corpo no chão do quarto, e para o médico, a remoção do corpo. Através das descrições, é possível estabelecer, em **nível iconológico**, a interpretação da fotografia. Assim, por meio deste registro e em comparação com o primeiro, é possível entender que a pandemia fez vítimas e que a morte se tornou uma ocorrência comum na população mundial durante a pandemia. Além de ser um registro e perpetuação da memória, a fotografia está diretamente ligada à morte, antropologicamente falando, seja ela retratada diretamente ou não em sua composição, devido à sua capacidade de paralisar o tempo e perpetuar o que é retratado (FRANZON, 2020).

Neste cenário, "uma fotografia ou um conjunto de fotografias não reconstituem os eventos passados. Uma fotografia ou um conjunto de fotografias apenas congelam, dentro dos limites do plano da imagem" (KOSSOY, 2012, p. 127). É crucial entender que, apesar de serem registros fiéis produzidos durante a pandemia, as fotografias em questão não reconstituem

os fatos de forma veemente, pois podem passar pelo que Kossoy (2012) define como filtro cultural do fotógrafo, ou seja, o fotógrafo irá capturar um recorte intencional e impregnado de sua experiência pessoal. Portanto, as fotografias são uma perpetuação do que aconteceu, congelando apenas o momento retratado, mas servindo como base para a memória visual dos eventos.

REGISTRO DE UMA LIBANESA

A coleção de fotografias em análise desvenda a abundância de cenas distintas, todas registradas sob um mesmo olhar. Compreendendo que “a fotografia, enquanto veículo de informação, possibilita múltiplas interpretações e conexões” (FRANZON, 2012), fica evidente que a complexidade das imagens ultrapassa o que é imediatamente perceptível. Nesse cenário, a apreciação aprofundada das fotografias tiradas no Líbano requer uma estratégia que vá além da superfície visual. Apesar da fotografia ser um instrumento eficaz na comunicação, é essencial reconhecer que sua organização não é independente. Ao invés disso, ela está interligada com uma estrutura adicional que a complementa, como o texto que a acompanha, seja na forma de título, legenda ou artigo. Essa dualidade de elementos, visual e linguístico, compõe a totalidade das informações presentes na imagem (BARTHES, 1990).

Portanto, ao examinar a série fotográfica no Líbano, é crucial levar em consideração não apenas o que é visível, mas também como as escolhas linguísticas afetam a interpretação das imagens. Cada pormenor, desde a escolha do ângulo até a descrição textual, contribui para a construção de sentido. A sinergia entre a linguagem visual e a linguagem escrita amplifica a habilidade da fotografia de comunicar não apenas informação, mas também emoção e contexto, proporcionando uma compreensão mais completa e integrada da narrativa visual.

Figura 6 - Líbano



Fonte: Medecins Sans Frontieres (2020)

Nível pré-iconográfico: duas figuras femininas, uma mais idosa e outra mais jovem. No **nível iconográfico**, a imagem parece retratar um diálogo ou a demonstração de algo no dispositivo eletrônico nas mãos da mulher mais velha. Em **nível iconológico**, a fotografia apresentada na (figura 6) permite entender a interação entre a imagem e o texto, e como o texto pode esclarecer a imagem, necessitando das duas estruturas comunicativas propostas por Barthes (1990). Inicialmente, ao se deparar com a imagem em questão, infere-se, a partir do nível de sentido informativo composto por cenário, trajes, personagens e relação entre eles (BARTHES, 1990), que se trata apenas de uma médica e uma senhora idosa em um ambiente com iluminação reduzida e que podem estar em algum lugar do Oriente Médio devido às suas vestimentas.

De fato, a descrição da imagem não está completamente errada, no entanto, só é possível compreendê-la como uma todo, ao analisar o que está acontecendo no instante retratado a partir da informação linguística externa presente na legenda do artigo em que a fotografia foi publicada. O texto do artigo contém informações vitais para a compreensão da fotografia e destaca a necessidade do recurso linguístico para a compreensão da fotografia por futuros receptores, considerando seu caráter documental. Barthes (1990) afirma que a mensagem linguística está presente em todas as imagens, podendo ser um título, uma legenda, um artigo jornalístico, a legenda de um filme ou qualquer outro recurso linguístico que acompanhe a imagem.

A partir disso, é necessário considerar que “toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente aos seus significantes, uma ‘cadeia flutuante’ de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros” (BARTHES, 1990, p. 32).

A informação complementar surge logo no início, de acordo com o artigo “Mousera, uma libanesa de 73 anos, sofre de hipertensão, asma e dor nas costas e faz parte do grupo de risco da Covid-19” (MSF, 2020, *On-line*). Equipado apenas com o trecho linguístico, a fotografia adquire outro significado, não sendo mais apenas duas pessoas em um local com pouca iluminação. Por fim, o texto traz a compreensão do aparelho na mão de Mousera, quando explica que “Mousera compartilha as dicas e informações que recebe de MSF com seus parentes, por telefone” (MSF, 2020, *On-line*), evidenciando que mesmo possuindo caráter artístico/documental, a fotografia necessita, em alguns casos, de recurso linguístico para que possa esclarecer de fato o que ocorreu na cena retratada.

MÉDICOS SUIÇOS, REGISTRO DE GENEBRA

Por meio das análises precedentes, conclui-se que a fotografia sugere um processo de compreensão do mundo através de fragmentos da realidade (KOSSOY, 1989). As obras fotográficas criadas com propósito documental serão sempre fontes de informação e conhecimento, pois incorporam em suas composições representações de um presente/momento já experimentado (KOSSOY, 1989).

De acordo com Barthes (2015), as imagens nos alcançam constantemente, portanto, tornam-se um recurso importante de informação e recordação do passado, assim como este artigo pretende demonstrar. Conforme Leite e Garcez (2021 p. 131), “A imagem, enquanto um



documento, é capaz não apenas de ser uma fonte de informação e história, mas também como um documento de memória capaz de evocar lembranças correspondentes à nossa experiência”. Através da contemplação da fotografia, é possível resgatar vestígios do passado no presente, ou seja, as fotografias permitem que nos apropriemos do que já ocorreu. No entanto, a imagem fotográfica, como demonstrado anteriormente, não tem a capacidade de restituir o que se passou, mas sim, de atestar parcialmente aquilo que existiu como uma representação da verdade (ANDRADE, 2002).

Nesse sentido, a fotografia, enquanto meio de expressão, transcende a mera representação visual, tornando-se um testemunho tangível do tempo e do espaço (SONTAG, 2003). Ela serve como uma ponte entre o passado e o presente, permitindo-nos revisitar momentos e lugares que de outra forma estariam perdidos para sempre. A fotografia documental, em particular, desempenha um papel crucial na preservação da memória coletiva, capturando eventos históricos e experiências humanas que moldam nossa compreensão do mundo (BRIZUELA, 2009).

No entanto, é importante lembrar que a fotografia, por mais poderosa que seja, é apenas uma interpretação da realidade. Ela é influenciada pela perspectiva do fotógrafo, pelas limitações técnicas da câmera e pelo contexto cultural e histórico em que é produzida (BERGER, 1999). Portanto, embora a fotografia possa nos oferecer uma janela para o passado, ela nunca pode recriar completamente a complexidade e a riqueza da experiência vivida. Dessa forma, a fotografia é uma ferramenta poderosa para a comunicação e a memória, mas também é um meio complexo e multifacetado que desafia nossas percepções e compreensões da realidade. Como tal, a análise e a interpretação de fotografias requerem uma abordagem crítica e reflexiva que leve em conta tanto o conteúdo visual quanto o contexto em que a imagem foi criada e recebida (ROSE, 2016).

Figura 7 – Suíça, Genebra



Fonte: *Medicien Sens Frontieres* (2020)

Conforme Kossoy (2012, p. 107), “a análise iconográfica visa detalhar e catalogar sistematicamente o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos constituintes”. Com isso em mente, a (figura 7), em **nível pré-iconográfico**, apresenta um hospital com uma vasta equipe médica atendendo a um paciente, e outro paciente em seu leito em primeiro plano. Já em **nível descritivo iconográfico**, a fotografia possivelmente retrata o atendimento a um paciente em estado crítico de saúde, exigindo a mobilização de uma ampla equipe médica. No entanto, esses aspectos retratam apenas a superficialidade da fotografia em questão, tornando necessária uma análise mais aprofundada, assim como foi feito com as demais fotografias, conforme destacado por Kossoy (2012, p. 107), “ver, descrever e constatar não é suficiente [...] Para isso, é necessário ter conhecimentos sólidos sobre o momento histórico retratado”. Dessa forma, estabelece-se o **nível iconológico**: para a compreensão da fotografia, assim como as demais, é imprescindível entender o contexto em que ela foi capturada. A imagem em questão foi registrada em Genebra no pico da pandemia em 2020.

Assim, a severidade que a Covid-19 impôs às pessoas colocou a população mundial em risco, com ênfase naqueles considerados como grupo de risco. A Covid-19 é uma doença altamente contagiosa que ataca diretamente o sistema respiratório. A grande mobilização médica retratada na fotografia evidencia a gravidade que a Covid poderia causar nas pessoas, documentando assim o momento vivido e possibilitando uma interpretação mais precisa da fotografia quando analisada a nível iconológico, pois as fotografias, além de serem recursos artísticos, são documentos que constituem um meio de informação insubstituível (KOSSOY, 2012)

PANDEMIA GREGA

Desde o surgimento da Covid-19, a estratégia da MSF foi ajustada para garantir a segurança de pacientes e profissionais. Na clínica pediátrica localizada perto do campo de refugiados de Moria, é realizada uma triagem inicial para pacientes, incluindo crianças e gestantes. Se sintomas respiratórios ou febre forem detectados, os pacientes são direcionados para uma área específica, onde uma equipe pode realizar avaliações seguras sem a necessidade de contato físico. Essa medida é adotada devido à semelhança desses sintomas com os associados à Covid-19 (MSF, 2020). É evidente que cada fotografia possui uma história única por trás de sua captura. Ao contemplar uma fotografia de um evento passado, como as fotografias da pandemia, é possível refletir sobre a sequência de eventos que ocorreram. Portanto, a peça fotográfica, através de sua materialidade e meio de expressão, constitui uma fonte histórica que carrega em si a característica plausível de rememoração do passado, permitindo assim que seja analisada como um documento.

Essa capacidade única da fotografia de capturar momentos no tempo e preservá-los para a posteridade é o que a torna uma ferramenta tão poderosa para a documentação histórica. Cada imagem, em sua singularidade, serve como um testemunho silencioso dos eventos que moldaram nosso mundo. No caso da pandemia da Covid-19, as fotografias servem como um



lembrete sombrio da devastação causada pelo vírus, mas também da resiliência e bravura dos profissionais de saúde na linha de frente.

A partir disso, tais imagens documentais desempenham um papel crucial na educação do público sobre a realidade da pandemia. Elas oferecem uma visão íntima e muitas vezes perturbadora da luta contra o vírus, que vai além das estatísticas e relatórios. Ao fazer isso, elas ajudam a humanizar a crise e a destacar a urgência de medidas de prevenção e controle. Em suma, a fotografia, em sua intersecção entre arte e documento, oferece uma janela única para o passado. Ela nos permite explorar eventos históricos de uma maneira profundamente pessoal e imersiva, enriquecendo nossa compreensão da história e do mundo em que vivemos.

Figura 8 - Grécia



Fonte: *Medicins Sans Frontieres* (2020)

Nível pré-iconográfico: Em uma análise inicial, a fotografia tirada na Grécia (figura 8) mostra duas pessoas - um homem adulto e uma criança. Ao aprofundar a interpretação da imagem, é possível estabelecer entendimentos mais abrangentes do que está presente na mensagem fotográfica. Assim, em seu **nível iconográfico**, a imagem retrata o processo de triagem realizado em crianças em Moria para identificar aquelas que apresentavam sintomas da Covid-19.

Segundo Kossoy (2012), é por meio da intersecção das informações presentes na fotografia que se pode determinar com precisão o que compõe o processo que gerou tal fonte histórica. A partir disso, para a análise a **nível iconológico**, é necessário entender o que compõe a fotografia. Dito isso, a fotografia presente na figura 6 retrata cenas da pandemia na Grécia, especificamente de um campo de refugiados chamado Moria. Devido ao aumento da Covid-19 no campo de refugiados, o MSF começou a realizar triagens nos pacientes considerados do grupo de risco. O MSF passou a ter uma atuação intensiva no local mencionado, pois, "o fato de que medidas importantes de proteção contra a COVID-19 não podem ser aplicadas no campo de refugiados de Moria, onde há superlotação e condições insalubres" (MSF, 2020, *On-line*).

Entender o contexto em que a fotografia foi tirada é essencial para a compreensão do momento histórico e da fotografia como recurso de rememoração. A contextualização e interpretação da fotografia têm o objetivo de estabelecer as relações entre registro, memória e as relações da fotografia e o contexto em que foi produzida para uma compreensão mais completa da mensagem fotográfica. Visto isso, é possível entender que as relações se desenvolvem entre o que é possível ver na imagem e tudo o que é externo a ela (KOSSOY, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a explorar a fotografia como um meio de rememoração da Covid-19, com o objetivo de destacar as imagens produzidas como uma fonte de memória visual e um testemunho do evento experimentado pela sociedade. Considerando a análise das imagens capturadas pelo MSF durante a pandemia, sua interpretação iconológica revela não apenas os desafios e impactos sociais da crise de saúde, mas também a resiliência e a capacidade de adaptação das comunidades diante da adversidade. A fotografia, como um meio de comunicação visual, ultrapassa barreiras linguísticas e culturais, permitindo que histórias individuais e coletivas sejam narradas de maneira poderosa e tocante. Assim, "a imagem fotográfica pode e deve ser utilizada como fonte histórica. No entanto, deve-se ter em mente que o assunto registrado mostra apenas um fragmento da realidade" (BARTHES, 2015, p. 119).

A memória visual formada por essas fotografias oferece uma visão autêntica do que foi vivenciar esse período. Através das lentes dos fotógrafos, somos convidados a testemunhar a solidão dos locais vazios, a bravura dos profissionais de saúde e a nostalgia das celebrações familiares interrompidas. Essas imagens não apenas documentam eventos, mas também evocam emoções e ressoam com um senso de humanidade compartilhada. Notavelmente, a fotografia se estabelece como um recurso de arte, informação e memória. Assim, o uso dado às fotografias, com ênfase nas produzidas durante a pandemia, possibilita que a história seja preservada para a manutenção do conhecimento futuro e o registro para a rememoração do passado. A partir das fotografias é possível compreender os efeitos da pandemia e o período delicado em que a humanidade se encontrava.

Com base no que foi apresentado, é crucial enfatizar a necessidade de investigar, examinar e conservar esses registros visuais como um componente essencial da história humana. A fotografia, sendo um símbolo autêntico, tem a habilidade de documentar eventos com exatidão, mesmo que sejam fragmentos da realidade, conforme elucidado por Kossoy (2012). Ademais, a habilidade das fotografias de despertar memórias visuais individuais e coletivas destaca a relevância da arte e da cultura na conservação da história. Conforme as futuras gerações exploram essas imagens, elas terão a chance de se vincular ao passado de uma maneira singular e intensa, entendendo não apenas os fatos históricos, mas também as histórias pessoais que moldaram aquele período. Em conclusão, o estudo da fotografia como meio de rememoração e documentação do passado, possibilita visões de entendimento da fotografia além de um recurso informativo e artístico, abrindo novas áreas de estudo da imagem fotográfica e suas aplicações pela sociedade.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação da Liberdade: EUDC, 2002.

ANDRADE, Rosane. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação da Liberdade: EUDC, 2002.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. Campinas, SP: Papirus, 1993.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Edição comemorativa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BASTOS, Ana. R. A fotografia como retrato da sociedade. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, [S. l.], v. 28, 2014. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/1310>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BERGER, John. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOCCATO, Vera. R. C.; FUJITA, Mariângela. S. L. Discutindo a análise documental de fotografias: uma síntese bibliográfica. *Cadernos BAD*, Lisboa, Portugal, n. 2, 2006. DOI: 10.48798/cadernosbad.794. Disponível em: <https://publicacoes.bad.pt/revistas/index.php/cadernos/article/view/794>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BOURDIEU, Pierre. *Un art moyen, essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris: Les editions de Minuit, 1965.

BRIZUELA, Natalia. *Depois da fotografia: uma literatura fora de si*. Rio de Janeiro: ElsevierRocco, 2009.

CASSINI, Adriel. H. F. Registro e Memória: Uma revisão bibliográfica da fotografia como testemunho visual da Covid-19. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46º, 2023, Belo Horizonte. *Anais [...]*. [s. l.], Editora Intercom, 2023. p. 211-21. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202322040164dd72019032c.pdf. Acesso em: 5 abr. 2024.

CIAVATTA, Maria. *O mundo do trabalho em imagens: a fotografia como fonte histórica*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

DUBOIS, Philippe. *O Ato Fotográfico e outros Ensaio*s. 2 ed. Campinas: Papirus, 1998.

FLUSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumará, 2009.



FRANZON, Erica. C. S. *A imagem midiaticizada da morte de Aylan Kurdi: experiências estéticas e poéticas*. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/192626>. Acesso em: 15 jun. 2023.

GARCEZ, Marcus. E. S.; LEITE, Amanda. M. P. Entre documento e arte experimental: as fotografias do Bumba meu Boi de Juçatuba. *Discursos Fotográficos*, [S. l.], v. 18, n. 31, p. 117-142, 2021. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/45151>.

GUIMARÃES, João P. *Cenas da pandemia no Brasil*: País já registrou mais de 14 milhões de casos da doença. *Folha de São Paulo*. [s. l.]. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1697668703431584-cenas-%20da-pandemia-no-brasil>. Acesso em: 16 jun. 2023.

HIDALGO, Emilio. *Pandemia na Espanha causa a maior crise demográfica desde a Guerra Civil*. El País. [s. l.], 2021. Internacional. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-06-17/pandemia-na-espanha-causa-a-maior-crise-demografica-desde-a-guerra-civil.html>. Acesso em: 5 jul. 2024.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. 5 ed. Campinas: Papirus Editora, 1994.

JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2007.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 1 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 1989.

KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. 4 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOSSOY, Boris. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial: 2007.

LOMBARDI, Kátia. H. Documentário Imaginário: reflexões sobre a fotografia documental contemporânea. *Discursos Fotográficos*, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 35-58, 2008. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1505>. Acesso em: 9 ago. 2023.

MEDECINS, Sans Frontieres. *5 fotos marcantes da atuação de MSF contra a COVID-19*. Medecins Sans Frontieres. 2020. Disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/5-fotos-marcantes-da-atuacao-de-msf-contr-covid-19/>. Acesso em: 9 ago. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Brasil chega à marca de 700 mil mortes por Covid-19*: Milhares de vidas interrompidas e famílias enlutadas poderiam ter histórias diferentes com a vacinação. Ministério da Saúde. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 5 jul. 2024.

PANOFISKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ROSE, Gillian. *Visual methodologies: an introduction to researching with visual materials*. 4th ed. London: Sage, 2016.

ROUILLÉ, André. *A Fotografia: Entre o documento e arte contemporânea*. São Paulo: Editora Sesc, 2005.



SILVA, Sérgio. L. P. *Gozo estético na cultura visual: fotografia, memória e alienação social*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020.

SOARES, Miguel. A. P. *Representações da morte: fotografia e memória*. 2007. 149 fls. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2536>. Acesso em 26 jun. 2023.

SONTAG, Susan. *Diante da Dor dos Outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TESSARI, Anthony. Fotografia na história e no ensino de História. Revista Aedos, [S. l.], v. 4, n. 11, 2012, p.470-489. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/30773>. Acesso em: 6 jul. 2024.

TORNIELLI, Andrea. *O Crucifixo banhado pelas lágrimas do céu, o Papa sozinho na praça*. Vatican News, 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-03/papa-francisco-bencao-urbi-orbi-editorial-tornielli.html>. Acesso em: 26 jun 2023.

